

FATOS E NOTAS

BIZÂNCIO E A PRIMEIRA CRUZADA (*).

Temos o hábito, ao estudarmos as Cruzadas, de só examinarmos o assunto do ponto de vista ocidental, tal como os acontecimentos foram descritos pelos cronistas franceses, italianos, alemães, etc. Mas geralmente desconhecemos a impressão que causaram aos habitantes do Império Bizantino — o antigo Império Romano do Oriente — a chegada maciça de grandes exércitos e dos príncipes ocidentais, principalmente de alguns dêles, com os quais alguns anos antes se tinham empenhado em luta de vida e morte. Referimo-nos aos normandos, que formavam um dos maiores e mais aguerridos contingentes dos cruzados.

*

O Império Bizantino de 1056 a 1081 sofrera um período de decadência bastante acentuado, possibilitando a seus inimigos uma grande pressão nas suas fronteiras. Os turcos tinham infligido uma grande derrota aos bizantinos em Mantzikert. Os petchenegues — população nômade que vagava pelas planícies danubianas — atacaram as marcas lindeiras do Império, tendo sido apoiados pelos maniqueus — uma seita herética que ameaçara a unidade religiosa e fôra transferida da Ásia para a Trácia. A situação às vezes ficava bastante grave, principalmente quando havia um plano combinado de ataque à Constantinopla pelos bárbaros fronteiriços, além dêsses inimigos já citados. Não devemos nos esquecer que os sérvios e búlgaros, já cristianizados, começavam a organizar-se em estados independentes.

Nesse momento dramático para o Império Bizantino, Aleixo Comneno assume o govêrno, tendo sido alçado ao trono pela facção militarista que volta ao poder com êsse grande príncipe feudal, depois de oprimida pelos últimos monarcas. A história do seu reinado é bastante conhecida pela obra (a **Aleixiada**) que nos legou sua filha Ana Comneno, em que é narrada a vida de seu pai assim como os principais eventos da época.

Aleixo Comneno não se desesperou, chamou em seu socorro os cumanos e polovtzes, rivais dos petchenegues, e êste último povo foi de tal maneira desbaratado que desapareceu da História, tendo sido massacrados não somente os homens válidos, como também as mulheres, as crianças e os velhos.

(*) . — Nota publicada no jornal "O Arauto", de Cornélio Procópio (Norte do Paraná) em 20 de dezembro de 1960 (Nota da Redação).

Mas os mais rudes adversários de Aleixo Comneno foram os normandos de Roberto Guiscard, que tinha conquistado a Sicília e o sul da Itália, formando o Reino das Duas Sicílias. Num certo instante chegaram a dominar a península balcânica, destacando-se nessa guerra Boemundo, que seria um dos chefes da 1.ª cruzada.

Segundo uma tradição, posteriormente muito difundida no Ocidente, nessa hora de aperturas, Aleixo teria escrito uma carta ao conde Roberto de Flandres pedindo socorro, principalmente contra os avanços turcos na Ásia Menor. O curioso é que esse fato — se verídico — não teve ressonância em Bizâncio, pelo menos as crônicas não dão notícia dessa missiva. Que o pedido de auxílio da parte do **basileus** não era novidade isso é pacífico, pois muitos imperadores procuravam obter o auxílio ocidental, principalmente do Papa, acenando com o fim do Cisma e a reunião das duas Igrejas: a ocidental e a oriental (greco-ortodoxa). E' possível também que Aleixo desejasse obter mercenários, pois conhecia o valor desses guerreiros "latinos", pois tivera de lutar com eles muitas vezes. Atualmente os bizantinistas consideram essa carta um documento falso, forjado expressamente para explicar os desentendimentos que se estabelecerão futuramente os gregos e os latinos.

Um dos motivos que preponderaram na decisão ocidental da Cruzada foi o fato dos turcos seldjúcidas, recém-convertidos ao Islão, tentaram impedir as peregrinações dos cristãos aos Lugares Santos na Palestina. Os árabes tinham uma certa tolerância para com os cristãos, pois os consideravam — juntamente com os judeus — um dos povos do Livro (a Bíblia), que respeitavam, chegando mesmo a considerar Jesus como um dos profetas, porém inferior a Maomé. E' bastante conhecido o episódio da pregação da Cruzada por Pedro-o-Eremita e a sua oficialização pelo Papa Urbano II no Concílio de Clermont e dele não vamos nos ocupar aqui. Os exércitos se organizam e partem para leste, rumo ao Império Bizantino.

Ana Comneno, na sua **Alexiada**, mostra a profunda desconfiança que inspiraram em Bizâncio o aparecimento desses exércitos feudais do Ocidente, que pilhavam e levavam tudo de recordação por onde passavam, principalmente o contingente precursor — a cruzada dos plebeus chefiados por Pedro-o-Eremita e Gautier-sans-avoir — quando da sua chegada em Bizâncio em dezembro de 1096. Sem dúvida, a essas desconfianças, juntava-se o receio da reunificação das duas Igrejas pela força.

Após os plebeus chegaram os barões. Hugues de Vermandois, irmão do rei de França, naufraga no Epiro e é escoltado até Constantinopla, onde é mantido como refém, tal a surpresa da sua arribada. Em seguida chega Godofredo de Bouillon, duque da Lorena, com grande contingente de nobres da Europa setentrional. Era um rico e famoso capitão.

Aleixo, temeroso por tão grande concentração de “latinos” — pois é pela primeira vez que ocidentais e gregos se encontram em tão grande número — tenta obter de seus capitães um juramento de vassalagem, que tornaria os barões seus dependentes e fiéis vassallos, sob pena de perjúrio. Godofredo, entretanto, recusa-se a prestar o juramento pedido e quase se chega a um grande desfôrço físico, havendo mesmo pequenas escaramuças nas portas da grande cidade de Constantinopla. Como o inverno fôsse rude e os víveres escasseassem, Godofredo é obrigado a ceder. Era tempo. Começam a chegar os primeiros destacamentos normandos de Boemundo de Tarento. Assim, em 1097, os francos de Godofredo de Bouillon transpõem o Helesponto com o auxílio da esquadra bizantina.

Boemundo, um risonho e louro gigante, logo foi dizendo que estava pronto a prestar o juramento requerido, o que justamente despertou a desconfiança dos bizantinos. Tancredo, seu sobrinho, irredutível, passou por fora de Constantinopla para não jurar uma coisa que sabia não poder cumprir.

Roberto de Flandres não se opôs ao juramento, mas Raimundo de Saint-Giles, conde de Toulouse, sem dúvida um dos mais sinceros capitães que aceitaram a idéia de Cruzada, no comêço fêz resistência, mas acabou cedendo, para não criar maiores embaraços. Tornou-se posteriormente um dos melhores amigos de Aleixo.

O Comneno não chamara os cruzados, mas não podia recusar a êles a passagem pelo seu Império, nem mesmo que o quisesse: não tinha fôrças suficientes para isso. Assim, pensou utilizar-se dêles em benefício da sua política imperial de reconquista do território ocupado pelos muçulmanos. Mas queria tê-los como uma espécie de mercenários, dando-lhes, em troca do apôio, territórios em feudo, isto é, os teria como vassallos obedientes do trono bizantino. Houve-se Aleixo com grande habilidade nesse seu desiderato, empregando a benevolência, acumulando os príncipes de presentes e empregando a fôrça quando se fazia mister.

Ana Comneno nos mostra êsses “francos” — como são chamados indistintamente os cruzados no Oriente, talvez pela

predominância de franceses entre eles — como homens ávidos de dinheiro, cheios de fantasias, palradores, que entravam e saíam do Palácio Imperial sem se incomodar com a rígida etiqueta bizantina, indo procurar o **basileus** até no seu quarto de dormir. De fato, alguns foram assim. Aleixo revelou na ocasião uma paciência exemplar. Certos cruzados, como Estêvão de Blois louvam a sua riqueza, sua personalidade; outros não, o acham frívolo, altaneiro e o que é pior, cismático.

Os cruzados sentiram a necessidade do apêlo bizantino para o sucesso de sua empresa, daí terem em maio de 1097 assinado um acôrdo com Aleixo, pelo qual êste aceitou a cruz comprometendo-se a proteger os cruzados através do território do Império, assim como fornecer os víveres necessários. Além disso, um contingente grego foi incorporado ao exército cruzado, ficando certo também que as cidades retomadas e que tivessem feito parte do Império Bizantino, deveriam ser devolvidas a Aleixo, que posteriormente as daria de volta, mediante um juramento de vassalidade e sob a forma de um feudo tão comumente usado no Ocidente.

A cidade de Nicéia foi tomada e entregue imediatamente aos bizantinos, cabendo os despojos aos cruzados. Mas o desentendimento, que lavrava surdamente entre latinos e bizantinos, explodiu quando Boemundo tomou Antioquia e recusou-se a entregá-la a Aleixo (1098). Os gregos retiram-se da cruzada e os latinos prosseguem rumo aos Lugares Santos, tomam Jerusalém e fundam o Reino de Jerusalém, com Godofredo de Bouillon como o seu primeiro rei.

Êsses desentendimentos eram esperados, pois os latinos não se conformavam com o juramento de vassalidade que lhes era exigido e desconfiavam dos greco-cismáticos. Por isso acusaram Aleixo Comneno de pérfido e traidor, lançando sobre seus ombros os insucessos que sobrevieram à conquista de Jerusalém, devidos, na sua maioria, à incapacidade e à rivalidade entre os barões ocidentais.

As cidades italianas é que lucraram com as Cruzadas, pois estabeleceram feitorias na Ásia Menor e na Palestina, onde chegavam às terminais de velhas rotas de comércio, principalmente a famosa Rotã da Sêda. Recebiam por êsses **fondacos** sêda, jóias, pedras preciosas e principalmente especiarias (pimenta, açúcar, noz moscada, cravo, etc.) que revendiam com grandes lucros em todo o Ocidente. Nunca nos devemos esquecer que após a 2a. cruzada, tôdas as outras se fizeram por mar, geralmente em navios italianos, e que a 4a. cruzada foi desviada por Veneza do seu objetivo, acabando por tomar

Bizâncio em 1204, fundando-se então o famoso Império Latino do Oriente (1204-1261), coisa que estava na mente dos ocidentais há muito tempo.

E. SIMÕES DE PAULA

Professor de História da Civilização Antiga e Medieval
da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Uni-
versidade de São Paulo.